

## A cartografia da doença e da morte em Valêncio Xavier

Prof. Dr. Ângela Maranhão Gandier<sup>1</sup> (UFPE)

### **Resumo:**

*A novela transemiótica O Mez da Gripe, de Valêncio Xavier, tematiza a doença e o sofrimento impostos ao corpo social ao abordar a epidemia de gripe espanhola que vitimou a população de Curitiba, no início do século XX. Potencializada pela presença de imagens de variada procedência, a narrativa é conduzida por dois personagens cujos discursos transitam entre as falas provenientes de instâncias distintas de enunciação, tais como matérias jornalísticas e relatórios oficiais sobre a repercussão da epidemia no cotidiano da população. O Mez da Gripe se filia à obras literárias que caminharam na mesma direção, como o exemplar romance A peste, de Albert Camus, considerado uma alegoria da ocupação nazista na França, mas também das grandes pestes que se disseminaram na Europa durante a Idade Média. Veremos no presente artigo de que forma e por meio de quais estratégias discursivas o Mez da Gripe, em diálogo com A peste, expressa a interferência da medicina na literatura.*

**Palavras-chave:** doença, epidemia, medicina, ficção contemporânea.

### **1 Introdução**

A doença e o sofrimento que atingem tanto o corpo individual como o social são tematizados na literatura através de metáforas que transfiguram estes conceitos médicos e revelam o imaginário criado em torno das principais doenças romanceadas. Assim, a tuberculose ganhou destaque no século XIX, o câncer no século XX, e a aids na cena contemporânea. A apropriação metafórica das enfermidades do corpo (e também da mente) repercute na obra de Valêncio Xavier, **O Mez da Gripe**, de Valêncio Xavier, estabelecendo alguns pontos de tangência com **A peste**, de Albert Camus.

**O Mez da Gripe** aborda a epidemia no espaço urbano, enfocando o surto de gripe espanhola que vitimou a população de Curitiba na segunda década do século XX. A provinciana capital do Paraná, de 1918, com a sua atmosfera abafada e opressiva, as notícias da Primeira Guerra Mundial veiculadas pelos jornais, o surto da moléstia, os emblemas e alegorias da morte dispersos na narrativa, enfim, todo esse material polissêmico foi organizado de modo a desvelar uma expressiva cartografia de doença, sofrimento e morte. Por um lado, as novelas e contos de Xavier são impregnados pela atmosfera desalentada do início do século XX, que se constituiu de forma exemplar numa cartografia macabra das abominações com o corpo e a alma dos outros. Por outro lado, o enredo mórbido das narrativas xavierianas – permeadas pelo ar violento dos tempos de totalitarismos, guerras, perseguição étnicas – é igualmente sugestivo do clima de desencanto existente no nosso novo século XXI.

O desenvolvimento do nosso tema não poderia prescindir das análises elucidativas de Susan Sontag e Michel Foucault. A primeira discorre sobre as metáforas que submeteram a tuberculose, o câncer e a aids a interpretações tanto equivocadas como fantasiosas que acabaram sendo fixadas no imaginário social ao longo do tempo. O segundo se debruçou sobre o fenômeno da loucura trazendo novos aportes teóricos sobre esta psicopatologia, cujas causas ainda não foram totalmente esclarecidas, nem tampouco vislumbrada a possibilidade terapêutica de cura.

Para Sontag, a literatura se transformou em veículo de afirmação de clichês, atuando como um meio de representação de algumas doenças que, evidentemente, não encontram fundamento na realidade concreta. No caso específico da tuberculose, a enfermidade vincula-se principalmente ao

Romantismo e foi responsável por uma galeria póstuma que inclui inúmeros escritores, poetas, pintores e compositores que contraíram tuberculose e morreram em decorrência da doença como, por exemplo, os poetas Castro Alves e Cruz e Souza. No século XX, tuberculosos foram os poetas Manoel Bandeira, Fernando Pessoa e os escritores Franz Kafka, George Orwell, dentre muito outros. A tuberculose foi tema e presença em obras notáveis como **A montanha mágica** de Thomas Mann e **Os Miseráveis**, de Victor Hugo. No cinema brasileiro, temos o filme **Floradas na Serra**, de Luciano Salce, adaptado do romance homônimo de Dinah Silveira Queiroz. Portanto, não é demais afirmar que a tuberculose figura como uma das doenças mais ficcionalizadas pela literatura e pelo cinema moderno e contemporâneo.

Um dos principais argumentos de Sontag é o de que a tuberculose se prestou à glamourização porque foi criada em torno da moléstia uma moldura romântica que acabou transformando-a na “doença do artista, de quem é dotado de uma personalidade melancólica, ou tuberculosa, que era superior, sensível, criativa, um ser à parte”. (SONTAG, 2007, p. 33). A crítica postula, ainda, que o câncer escapou à estetização que a tuberculose logrou alcançar. No entanto, as duas enfermidades se subordinam à mesma ideia espúria de se atribuir ao doente a culpa de as ter contraído:

O mito sobre a tuberculose e o mito corrente sobre o câncer sugerem que a pessoa é responsável por sua própria doença. Mas o imaginário sobre o câncer é muito mais punitivo. Em vista dos critérios românticos, vigentes para julgar o caráter e a doença, algum glamour se associa ao fato de se padecer de uma doença vista como oriunda de a pessoa conter um excesso de paixão. (...) A visão do câncer como a doença do fracasso da expressividade condena o paciente de câncer: manifesta piedade, mas também transmite desprezo. (SONTAG, 2007, p. 45).

Partindo de outro ângulo de teorização, Michel Foucault propiciou uma melhor compreensão das representações discursivas do fenômeno da loucura. Apesar desta condição mental ter sido retirada da esfera da magia e da religião, como fora circunscrita até a alta Idade Média, permaneceu em vigor durante muito tempo o princípio de exclusão e de proibição da voz proferida pelo louco. Para Foucault, dentro da ordem dos discursos que circulam na sociedade – que podem ou não ser transmitidos e investidos de legitimidade – a segregação da loucura teve como consequência a interdição do discurso de homens e mulheres postos à margem do que se convencionou chamar de razão. Hoje, apesar da palavra do louco ser ouvida e não rechaçada como outrora, a interdição ainda vige, embora velada. Foucault argumenta nos seguintes termos a esse respeito:

Mas tanta atenção não prova que a velha separação não voga mais; basta pensar em todo o aparato de saber, mediante o qual deciframos essa palavra; basta pensar em toda a rede de instituições que permite a alguém – médico, psicanalista – escutar essa palavra e que permite ao mesmo tempo ao paciente vir trazer, ou desesperadamente reter, suas pobres palavras; basta pensar em tudo isso para supor que a separação, longe de estar apagada, se exerce de outro modo, segundo linhas distintas, por meio de novas instituições e com efeitos que não são de modo algum os mesmos. (FOUCAULT, 2003, p.13).

Como asseverou Roberto Machado, o pensamento de Foucault inaugura uma arqueologia do saber, cujos pressupostos vão de encontro à consolidação de uma teoria da loucura “que se realizou com o objetivo de subordinar a loucura justamente à razão e à verdade”. (MACHADO, 2006, p. 85). Importa realçar que o teórico francês demonstrou que “o saber sobre a loucura não é o itinerário da razão para a verdade, como é a ciência para a epistemologia, mas a progressiva descaracterização e dominação da loucura para a sua integração cada vez maior à ordem da razão”. (MACHADO, 2006, p. 86).

As enfermidades do corpo e da mente estão presentes na ficção de Valêncio Xavier através de narrativas vazadas por um tom melancólico, inseparável do sofrimento decorrente das experiências humanas traumáticas. Vejamos de que forma e por meio de quais estratégias discursivas **O Mez da**

Grippe representa a doença e suas manifestações no corpo físico e mental da população curitibana.

## 2 O Mez da Grippe: a doença no corpo coletivo

O **Mez da Grippe** convoca um olhar mais atento para a matéria de que trata à sua forma, isto é, os temas recorrentes das narrativas xavierianas – doença, dor, sofrimento – que põem em ação um narrador que estabelece uma estreita interlocução com a morte. Sobre este tema, a ameaça da morte é vivida coletivamente pela população de Curitiba, cidade sitiada pela epidemia de gripe espanhola. Um dos personagens de **O Mez da Grippe** é um tipo de abusador sexual (que chamarei de o homem-que-sai-à-cata-de-sexo). Seu relato em forma de poema livre oscila entre as manchetes sobre a Primeira Guerra Mundial, outras notícias de jornal, relatórios oficiais, anúncios da época e figuras várias. A imagem associada a esse personagem é o seguinte desenho, criado pelo artista plástico Rones Dumke:



A imagem vem acompanhada do texto: “Um homem Eu caminho sozinho nesta cidade sem gente as gentes estão nas casas a gripe”. A novela inicia com uma epígrafe do Marques de Sade que antecede a narrativa. Nesse sentido, imagem e texto colaboram para lançar o leitor na atmosfera lúgubre e abafada da cidade sitiada pela peste:

Vê-se um sepulcro cheio de cadáveres, sobre os quais se podem observar todos os diferentes estados de dissolução, desde o instante da morte até a destruição total do indivíduo. Esta macabra execução é de cera, colorida com tanta naturalidade que a natureza não poderia ser, nem mais expressiva, nem mais verdadeira. (XAVIER, 1998, s/n).

Para Boris Schnaiderman, a “citação sinistra de Sade dá o tom macabro que vai repercutir em toda a narrativa” (SCHNAIDERMAN, 1992, p.105) em que a doença afeta o corpo social: trata-se da presença de uma contaminação sem controle que se espalha entre todos os indivíduos. Publicado em primeira edição no ano de 1984, **O Mez da Grippe** se filia à obras literárias cujas narrativas abordam o mesmo tema. Em algumas delas, a epidemia figura como uma alegoria de acontecimentos traumáticos, talvez potencialmente mais destrutivos, como a guerra, os totalitarismos e as perseguições étnicas, como exemplifica bem **A Peste**, de Albert Camus, considerada uma alegoria da ocupação nazista na França durante a Segunda Grande Guerra. Para Victor Brombert:

A carga simbólica do romance é inconfundível desde os primeiros sinais. O título indica uma doença contagiosa, epidêmica. Por sua própria natureza, a peste é um tormento coletivo, pressupondo reações coletivas e reclamando medidas coletivas. As pestes famosas da história (mentalmente Rieux repassa os horrores registrados) sugerem calamidades naturais, mas também provocadas pelo homem como as guerras. (BROMBERT, 2001, p. 144).

Grande parte da força expressiva deste romance vem do caráter notável do personagem principal, o Dr. Rieux, clínico dedicado a seus pacientes, cujas atitudes são pautadas pela ética e

motivadas pela profunda compaixão pelo sofrimento do outro. Os motivos que o autor põe em destaque evidenciam a reflexão filosófica sobre a condição humana que sempre foi uma temática presente na produção ficcional e prosística de Camus. Interessa realçar a respeito de **A peste** que o autor francês começou a escrever o romance quando estava internado em uma clínica na cidade montanhosa de Chanbon-sur-Lignon para tratar de tuberculose. Sobre a suposta alegoria de seu romance com as pestes medievais, a teórica Jeniffer Brown assinala:

A inspiração para o uso do motivo medieval de Camus decorre da instalação do governo de Vichy, ditador apoiado pelos nazistas (durante o período da ocupação alemã na França). Camus comparou o clima que se instalou no seu país à atmosfera que havia na Idade Média, no sentido de que imperava nesta época a rígida hierarquia da estrutura feudal, mobilizadas pela presença e força da Igreja e da reduzida elite que detinha o poder. (BROWN, 2012, p. 248).

Em **O Mez da Grippe** temos uma situação semelhante àquela tematizada em **A peste**, no entanto, a população de Curitiba parece ter sido entregue à própria sorte. As autoridades insistiram em negar a existência da epidemia, apoiadas pelos principais jornais do estado, *Diário da Tarde* e o *Commercio do Paraná*, que foram forçados a submeter as suas matérias à censura prévia. Porém, a medida que as mortes aumentam, a omissão do poder público perde força e a imprensa é obrigada a divulgar a real situação da epidemia:

Embora a censura policial tivesse varrido do noticiário da imprensa a relação dos fatos verídicos, com relação à epidemia, o nosso dever profissional nos força a sahir do mutismo em que nos encontravamos nesse sentido e vir dizer ao povo que todo esse preparativo que se faz não é apenas para evitar que o mal chegue até nós, mas sim para dar combate à enfermidade que já nos atingiu. DIÁRIO DA TARDE. (XAVIER, 1998, p.)

Distintos enunciados ressoam na narrativa, dentre eles as atitudes solidárias de distribuição de alimento destinado às vítimas pobres:

Communique-se aos pobres este aviso: O Dispensario São Vicente de Paulo, delicadamente, nos pede indiquemos os pontos da cidade onde distribue, durante o dia, o caldo já preparado para os enfermos pobres: Praça da Republica (Collegio São José); Praça Santos Andrade (Collegio Sion); Rua Igaussú n.205 (Collegio Coração de Jesus); Rua Ractcliff n. 217 (bdas d'Água Verde). E para desejar que todos se tornem junto aos pobres, porta-voz dessa comunicação. (XAVIER, 1998, p.58).

Uma das vozes que ressoa na narrativa é a do mencionado abusador sexual que perambula pela cidade devastada à espreita de uma oportunidade de satisfazer seu desejo. Encontra numa residência, supostamente abandonada, uma mulher vítima da peste:

Entro na casa, a porta sem chavear, alguém que saiu para voltar, e não mais voltou, entrou para sair, e não mais saiu. Não sei por que, entro, entrei, nesta casa onde nunca entrei, pássaro em água estranha. Vagueio pela penumbra do corredor, pela porta entreaberta vejo. (XAVIER, 1998, p.18).

A segunda personagem da trama, D. Lúcia, figura como uma testemunha que viveu em Curitiba durante o período da gripe. Suas falas simulam respostas a uma entrevista. A personagem intervém na narrativa através de curtos depoimentos sobre o cotidiano da cidade afetada pela epidemia. Estas breves, mas esclarecedoras interferências (sempre referenciadas pelo nome próprio e ano do depoimento) acabam cruzando com a fala erótica do abusador sexual, como no trecho:

No monte de Vênus, parca loura penugem – como pele de pecego – margeando os lábios rubros do amor – fenda virgem para mim, adivinhada por mim. (XAVIER, 1998, p. 32)

Muita gente ficou com o juízo abalado. Por causa da febre forte dias e dias. Mesmo muito tempo depois da gripe encontrava-se gente que nunca mais recuperou a razão, pro resto da vida. *Dona Lúcia, 1976.* (XAVIER, 1998, p.32).

À medida que a narrativa avança, D. Lúcia menciona certa mulher loura que perdeu o juízo e às vezes é vista perambulando pelas ruas da cidade, imersa em si mesma. É inevitável para o leitor, atento aos movimentos do texto, não associar a desatinada mulher a que foi vítima do abusador sexual. A epidemia, portanto, afetou tanto a saúde física dos indivíduos como provocou distúrbios mentais:

Ela, a mulher, nunca mais ficou com o juízo perfeito. Passava um tempo boa, teve até um filho, criança linda. De repente, dava assim como uma tristeza nela, saía a andar sozinha pelas ruas, sempre com um vidrinho de veneno nas mãos. Nunca largava o veneno, mesmo quando estava normal, alegre com o marido e o filho... *Dona Lúcia, 1976.* (XAVIER, 1998, p. 66).

Sobre a loucura, o pensamento de Foucault iluminou este fenômeno com uma nova luz, retirando do âmbito da medicina o poder exclusivo de conhecimento sobre a doença:

O médico não está do lado da doença que detém todo o conhecimento sobre a doença; e o doente não está do lado da doença que tudo ignora sobre si mesma, até sua própria existência. O doente reconhece sua anomalia e dá-lhe, pelo menos, o sentido de uma diferença irreduzível que o separa da consciência e do universo dos outros. Mas o doente, por mais lúcido que seja, não detém sobre seu mal a perspectiva do médico; não toma jamais este distanciamento especulativo que lhe permitiria apreender a doença como um processo objetivo desenrolando-se nele, sem ele. (FOUCAULT, 1975, p.58).

Cabe à D. Lúcia ir costurando os fios soltos da narrativa. Esta intervenção é fundamental principalmente em virtude da configuração de texto e imagem da obra, cujo arranjo é uma bricolagem onde estão justapostos os mais diversificados materiais, notícias de jornal, relatórios oficiais e imagens dos mais variados feitos e procedências.

Assim, a personagem atualiza os acontecimentos desmentindo os informes do poder público que insistiram em omitir e até negar a gravidade do problema. Além disso, D. Lúcia menciona procedimentos rudimentares de tratamento, alude às mortes de que teve conhecimento e as consequências no cotidiano da população de uma maneira geral. Sua fala, portanto, nos revela uma Curitiba sitiada pela peste, cuja população sofre pela falta de condições adequadas para o tratamento, assombrada pelas mortes que aumentam a cada dia. Tudo colabora para a encenação da cidade como um corpo doente:

JÁ MORREM 24 PESSOAS POR DIA EM CORITIBA: No dia em que não houve caixões para serem transportados os cadáveres, mandei-os fabricar e, quando faltavam animaes para conduzir os carros funebres, mandei-os alugar pelo preço pedido, para não ficarem insepultos os infelizes falecidos. *Relatório do Sr. Dr. Trajano Reis director do Serviço Sanitario.* (XAVIER, 1998, p. 53).

Outra característica das narrativas que tematizam doença é a presença ora difusa ora explícita da morte, tema que confere um cunho universalista às obras porque a morte, evidentemente, concerne a todos. A esse respeito, Françoise Dastur argumenta:

É com espanto que descobrimos a *maravilha das maravilhas* que é o existir e nada mais, porém é o terror que desperta em nós a certeza da nossa morte, a consciência do que não pode ser nem sabido nem compreendido, do que está fora do tempo e fora do mundo, do que jamais se torna fenômeno, mas que nos aproximamos talvez do horror sem nome que suscita em nós a visão do cadáver. (DASTUR, 2002, p.54). (grifos da autora).

Para aumentar a carga dramática, ilustra a narrativa o registro dos fatos da Primeira Grande

Guerra e o relato de homicídios atribuídos à condição excepcional da capital paranaense em virtude da peste, no ano de 1918. A presença de hospícios e casas de saúde – através de fotografias e alusões a estes estabelecimentos – revela que estes espaços de confinamento da loucura também foram afetados pela epidemia. A este respeito, uma chacina é publicada pelos jornais *Jornal do Commercio* e o *Diário da Tarde* que veiculam a informação no típico jargão sensacionalista e exagerado da imprensa marrom, com ênfase nos detalhes espúrios e escabrosos sobre o surto do recluso Manoel de Campos. Segundo a matéria do *Jornal do Commercio*, ele foi responsável pelo assassinato de quatro pessoas no Hospital N. S. da Luz:

(...) Seria 6 ½ horas da manhã que tivera gripe e se achava exaltado pela febre, tomado de furioso acesso, ao encontrar um dos reclusos que era aleijado e usava molletas, de uma destas se apoderou, vibrando-lhe forte pancada no craneo. Caindo exanime o primeiro, o louco avançou sobre outra vítima. Era esta o cosinheiro do estabelecimento, que procurou defender-se com um braço. Baldado foi seu esforço, pois que recebendo pancada violenta, caiu também sem vida. Numa ancia de matar, olhos injetados de sangue, a faiscarem, o louco, sempre com a tragica molleta já rubra e cheia de massa encephalica de suas victimas, saiu em busca de outros. Em quantos que encontrava o louco desferia pancadas. (XAVIER, 1998, p.58).

Esta citação reproduz a caricatura do louco possesso e violento, imagem que só serve para reafirmar os preconceitos sobre a loucura. Evidentemente, o crime violento, como a chacina relatada em **O Mez da Gripe**, é igualmente praticado por indivíduos considerados normais.

A página final da narrativa é ilustrada por uma tabela estatística, assinada pelo Diretor do Serviço Sanitário, onde constam os registros oficiais da epidemia de gripe espanhola, assim dispostos:

OS MORTOS DA GRIPPE. ANNO DE 1918. População de Curityba e seus subúrbios = 73.000 habitantes. Nascimentos: total geral: 2.244. Casamentos: total geral: 283. Óbitos: total geral: 1466. Óbitos por gripe: total geral: 384. Doentes da gripe: 45.249. Porcentagem de óbitos: 0,84%. (XAVIER, 1998, p. 53).

A porcentagem de óbitos de apenas 0,84% do total de 45.249 pessoas contaminadas levou D. Lúcia a desconfiar de que esse número não corresponde à realidade: “Como saber quantos morreram? O governo não ia dizer o número verdadeiro dos mortos para não alarmar. Até hoje, ninguém sabe ao certo”. (XAVIER, 1998, p. 39).

## Conclusão

Uma das obras representativas da produção transemiótica de Valêncio Xavier, **O Mez da Gripe** já anunciava, em 1985, a força que dispõe a produção literária xavieriana de dirigir o nosso olhar para a experiência da doença, do sofrimento e da morte, motivos e temas fundantes do arcabouço ficcional do autor. A novela que vimos examinar exemplifica bem a dramatização tanto da doença do corpo como dos distúrbios da mente, que foram aqui perspectivados à luz das teses de Susan Sontag e Michel Foucault. No sentido proposto por Sontag, as doenças foram exploradas pela literatura desde a emergência do Romantismo, estilo que se apropriou da tuberculose. Esta enfermidade foi tematizada sob uma moldura romântica e idealizada da doença de artista, a quem se atribuiu uma sensibilidade singular pelo simples fato de tê-la contraído. Foucault, por sua vez, lança novas luzes sobre o árido tema da loucura, psicopatologia que permanece impondo exigências para o pensamento. O teórico, entretanto, subverteu a lógica cruel das visões preconceituosas sobre a doença, conferindo ao louco destituído de voz própria o direito à fala, dotando homens e mulheres torturados pela loucura do direito à dignidade mesma da existência humana. Vimos que **O Mez da Gripe** se filia a um rol de obras literárias que seguiram a mesma direção, à exemplo do romance **A**

**peste**, de Albert Camus, alegoria da Segunda Guerra Mundial mas também emblema das pestes que assolaram a Europa na Idade Média. A preocupação de Xavier de respaldar a sua narrativa em fatos reais e históricos, aliada à reprodução fiel da grafia dos textos da época, conferem ao **Mez da Grippe** o aspecto kisch e bolorento dos álbuns antigos álbuns de figuras. Assim, o aspecto formal colabora para aumentar a atmosfera mórbida que perpassa toda a narrativa transformando a cidade de Curitiba num corpo doente. Portanto, como uma expressiva cartografia da doença e da dor, **O Mez da Grippe** revela-se um veio fértil para a instauração de um produtivo diálogo sobre a medicina e suas manifestações na literatura moderna e contemporânea.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] BROMBERT, Victor H. *Em louvor de anti-heróis: figuras e temas da moderna literatura européia, 1830-1980*. Traduzido por: José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- 2] BROWN, Jeniffer, Sttaford. *Medieval dystopia in Albert Camus's The Plague*. In: VANBORRE, Emmanuelle Anne. *The originality and complexity of Albert Camus's writings*. New York: St. Martin's Press, 2012.
- 3] CAMUS, Albert. *A peste*. Traduzido por: Valerie Rumjanek. 2 ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.
- 4] DASTUR, Françoise. *A morte: ensaio sobre a finitude*. Traduzido por: Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. (Coleção Enfoques. Filosofia).
- 5] GANDIER, Ângela Maranhão. *Memória & História, Fotografia & Cinema nas narrativas transemióticas de Valêncio Xavier*. Tese (Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC, 2013.
- 6] FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Traduzido por: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- 7] \_\_\_\_\_. *Doença mental e psicologia*. Traduzido por: Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- 8] MACHADO, Roberto. *Foucault: a ciência e o saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- 9] SCHAIIDERMAN, Boris. O Mez da Grippe: um coro a muitas vozes. *Revista USP*, São Paulo, p. 103-108, dez/jan. 1992/1993.
- 10] SONTAG, Susan. *Doença como metáfora. Aids e suas metáforas*. Traduzido por: Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- 11] XAVIER, Valêncio. *O Mez da Grippe e outras histórias*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

---

<sup>i</sup> **Angela MARANHÃO GANDIER, Doutora.**  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
angelagandier@gmail.com